



As flores e as rachaduras no asfalto...

Há algumas imagens que sinalizam uma constante vontade de viver, mesmo com os caminhos de morte que podem marcar muitos trajetos... pessoais ou comunitários. Dessas imagens, destacamos a relação entre o asfalto e a árvore. Imaginário bem comum nas grandes cidades por onde circulamos, como em São Paulo. Mesmo com todo o projeto urbano estruturado para além da relação harmônica entre o “progresso” e a natureza, algumas plantas resistem. Basta caminhar um pouco e ver as rachaduras em calçadas, em ruas, em prédios. A vontade de viver, que nasce desde baixo, não se conforma com as cenas de morte, com os asfaltos determinados e moldados. Há algo que irrompe: uma raiz, uma flor, que rasga o chão.

A relação entre a morte e a vida, entre os lugares sociáveis e os espaços subterrâneos, sintetiza um pouco deste segundo boletim do Programa Saúde & Direitos em 2013. Selecionamos textos que articulam os espaços de diálogo com mulheres do sistema carcerário, por meio da literatura; cursos sobre prevenção em HIV/AIDS na Zona Leste de São Paulo; oficinas sobre identidade de gênero; e reflexões sobre religião e homoafetividade. Estes artigos não estão desconexos, há um eixo articulador em toda essa prosa e entre as pessoas envolvidas em cada uma dessas atividades: “no silêncio cultivam a pura flor da esperança”.

Como a planta que rompe o asfalto, algumas mulheres – muitas vezes em seus silêncios – romperam a morte nos cárceres e se disseram como pessoas, como mulheres com vontade de viver. Como a planta, que não aceitou ser encoberta por um peso, pessoas homoafetivas rasgam os discursos religiosos e criam flores de esperança e de nova vivência de fé. Como a planta que quebra as calçadas, as reflexões sobre a prevenção em HIV/AIDS e identidade de gênero buscam seguir o mesmo rumo, rasgar os padrões, as exclusões e os estigmas.

Esperamos que cada leitora, cada leitor deste Boletim se guie por este mesmo eixo de esperança, às vezes subterrânea, às vezes simples com uma flor no asfalto, mostrando que apesar dos sinais de morte, o dia a dia pode trazer algumas maravilhas, sinais de graça.

Uma ótima leitura!

Projeto “Letras que Libertam”

As mulheres que vivem em situação de conflito com a lei encaram uma realidade cruel e inimaginável que ultrapassa as grades das penitenciárias. Elas não são privadas somente de liberdade, mas também de esperança, de amor, de vida.

Como forma de trazer uma brecha de luz a essa realidade, KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço em parceria com a Pastoral Carcerária de São Paulo criaram o projeto “Letras que Libertam”. A literatura contribui substancialmente para o desenvolvimento integral delas, resultando num amplo processo de inclusão e afirmação identitária. Daí a necessidade da promoção da literatura de forma orgânica e sistemática, por meio da qual se confere às pessoas maiores possibilidades de inserção social. Os objetivos do projeto são tornar a literatura acessível às pessoas que, por razões circunstanciais, encontram-se privadas do acesso amplo e irrestrito a ela, e buscar, por meio da literatura, maneiras de desautomatizar a percepção do cotidiano, agindo no sentido contrário à padronização da apreensão da realidade.

Além disso, o projeto desenvolve a sensibilidade artística, com vista à ampliação da consciência e aprofunda os modos de conduta ética no trato social, a fim de aperfeiçoar as inter-relações humanas.

Mulheres que buscam vida na morte

Era um sonho dantesco... Não, ali não se trata de sonho. Estamos diante da mais dura realidade. Nem Dante teria imaginação suficiente para descrever o inferno manso e calmo que se instala em nossa alma ao descer àquele lugar. A mansidão traz a intensidade da angústia, pois penetra lentamente em nossa alma. O sofrimento é parado, degustado a cada minuto da pena de cada mulher ali no pavilhão.

Há sangue que escorre farto
Desce das encostas dos morros
Pobres.
Escalda-nos os pés no chão das
Penitenciárias, nos porões fétidos
Que abriga vidas paradas,
Que vagueiam de um pavilhão a outro.
Custa levantar os pés do chão,
Pois há um jorrar de sangue contínuo
Que inunda o chão.
Mas não é sangue de vida,
É sangue da morte.
Morte de todas as possibilidades de vida
Umas enlouquecem,
Outras morrem
Sozinhas.

Estou me referindo às mulheres encarceradas. Esta realidade sempre me tocou de forma dolorida, embora não a conhecesse, eu tentava imaginar e me colocar no lugar dessas mulheres. Num dado momento, tive a ideia de ler textos literários para elas,

pois esta é a única coisa que tenho para oferecer. Entrei como voluntária num projeto de leitura, juntamente com KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço, em parceria com a Pastoral Carcerária de São Paulo, além de outras voluntárias. Desta forma, iniciamos o trabalho.

Acredito que a literatura é uma das formas de resistência para as pessoas que vivem em situação limite. A vida na penitenciária tem uma atmosfera de morte. Quando se chega ali, morre a esperança, morre o amor, morre a fé, morre a autoestima e morre o brilho dos olhos. Sempre que chego lá, o que vejo é um manancial de morte. Esta realidade abriu uma ferida em mim. Por mais que eu não queira, esta agora também é minha realidade. Tento encontrar vida dentro desta morte infinita.

Vejo as mulheres sofrendo ali dentro, cada uma com sua história, às vezes, esquecidas, elas esperam com o olhar perdido. Não há o que fazer, não há o que esperar, não há o que querer. Agora entendo porque os presos, em geral, fogem da prisão, é porque ali é um espaço de morte, e a tendência do humano é querer a vida. Sei que será difícil. Mas é um trabalho que precisa ser feito. Se eu conseguir ler pelo menos para uma mulher no dia do encontro, haverá esperança e alegria em meu coração.

Vera Lúcia de Castro

As atividades do “Letras que Libertam” acontecem uma vez por semana com um grupo específico de mulheres encarceradas na Penitenciária de Sant’Anna, em São Paulo, e é coordenado por voluntárias. Para participar do projeto, entre em contato pelo e-mail voluntarios@koinonia.org.br.

Foto: Omar Franco

O que é “Identidade de Gênero”?

Clarisse Braga

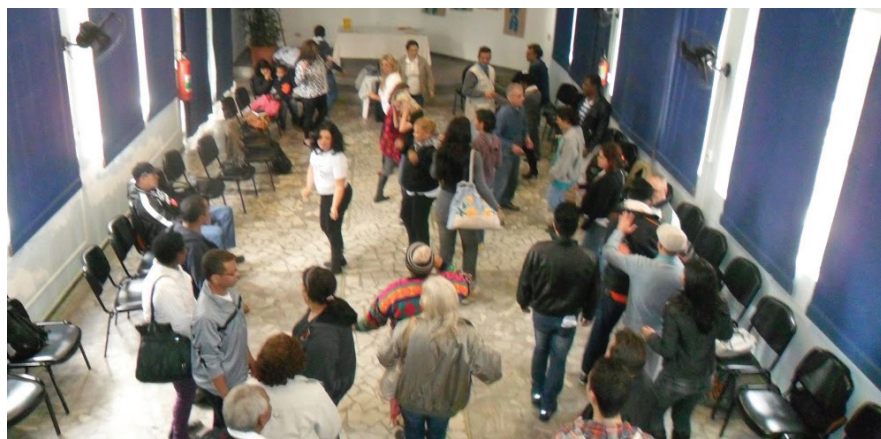
Esta questão foi respondida durante uma oficina realizada por KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço no dia 27/8, no CEFRAN – Centro Franciscano de Luta contra Aids –, em São Paulo – SP. A convite do Centro Franciscano, a coordenadora do Programa Saúde e Direitos de KOINONIA, Ester Lisboa, preparou um seminário educativo e interativo com atividades diversas para os participantes. Segundo Ester, compartilhar conhecimento de uma forma lúdica é a melhor maneira de trabalhar temas considerados polêmicos como sexualidade e identidade de gênero. Para isso, ela utilizou a criatividade para

possibilitar a assimilação de toda a informação. De forma sutil, o exercício de despir-se de lenços, reforçava a importância de “despir-se dos preconceitos”. A atividade foi um sucesso entre os participantes, que se mostraram mais confortáveis para assistir ao restante do seminário. Para Irmã Fátima, responsável pelo atendimento psicossocial do CEFRAN, a forma como a oficina foi conduzida foi bem didática, envolvendo todos os presentes. “Inclusive, eles se sentiram muito à vontade, a ponto de darem depoimentos como, por exemplo, da travesti Sandra, que é atendida pelo Centro Franciscano, e contou sua história e foi recebida

de maneira respeitosa por todos. O público não foi somente receptivo, mas também participativo”, completou Ir. Fátima.

Hannah Zuquim, do Serviço Franciscano de Apoio à Pessoa em Conflito com a Lei, acredita na importância de trabalhar o tema com a sociedade como um todo. “Além da metodologia animada da oficina, eu apoio o ensinamento do tema identidade de gênero não só com grupos vulneráveis, mas, sim, com todas as pessoas”, afirmou Hannah, que ainda confessou que um dia já teve preconceito com as diferentes identidades que o ser humano pode expressar, porém, através do (auto-) conhecimento e convivência, ela disse ter eliminado qualquer resquício de discriminação.

Para conhecer mais sobre o CEFRAN, visite o site www.sefras.org.br/portal/servicos/centro-franciscano-de-luta-contr-a-aids-cefran ou entre em contato pelo e-mail cefran@sefras.org.br.



Participantes da oficina de identidade e gênero.



Fotos: Divulgação



Seminário “Fortalecendo laços entre jovens, religião e sexualidade”

Eduardo Brasileiro de Carvalho

Na igreja, a maioria tem o costume de se encontrar para ver aquilo que lhes é comum. Isso é uma prática quase que consensual. O aconchego do lar, o espaço de quem crê no que também é para o outro crível. Uma prática ousada foi lançada no dia 10 de agosto, em Itaquerá, no CIFA (Centro Itaquerense das Famílias Amigas). Um grupo de 50 pessoas se reuniu para um sábado de discussão, foi o Seminário Fortalecendo laços entre jovens, religião e sexualidade. Uma grande roda se formou para esse encontro, eram jovens de diversos segmentos religiosos, de práticas sociais distintas e escolhas de vida diferentes. Todos, na pluralidade de cores, falas e gestos, inflamavam um dia de discussões polêmicas, que para

muitos dentro da igreja é um assunto tão silenciado. Fomos convidados a interromper o automatismo dos nossos olhares que já se acostumaram a segregar grupos religiosos vivendo restritamente cada qual em seu espaço. Mergulhamos na troca de experiências dos jovens sobre a vivência de sexualidade em comunhão com a tradição religiosa e, de fato, o em-

“passeamos pelo sensível local da vivência da fé de cada um, evidenciando como a religião de cada um trata a sexualidade, a diversidade sexual e, por fim, como projeta aos jovens que entram e saem do campo religioso”

bate de questões e pesquisas que a Socióloga Cristiane Gonçalves da UNIFESP no trouxe, evidenciou que a força integradora das religiões em torno da vida dos jovens podem, nesta proposta de encontro de religiões, fortalecer o diálogo na busca dos direitos de viver a sexualidade de maneira saudável, a partir de sua necessária expressão e na busca de cada um por seu sentido e beleza. O tom de vivência comunitária do encontro se evidenciou no almoço partilhado por todos, nos debates dinâmicos e envolventes que nos fizeram ficar confortáveis e aconchegados na busca por um ponto comum, um elo que faz envolver toda a luta em favor da vida e da dignidade a todos. Desta maneira, passeamos pelo sensível local da



Fotos: Divulgação

vivência da fé de cada um, evidenciando como a religião de cada um trata a sexualidade, a diversidade sexual e, por fim, como projeta aos jovens que entram e saem do campo religioso. A realidade é que as religiões cristãs estão bem mais distantes de uma abertura para a vida sexual em dignidade e em cuidado saudável do que as religiões de matriz afro-brasileira. De frente a esse fato, nós, jovens, buscamos resgatar o valor fundamental, passeando pelo fino tecido de acomodação e obediência que nossas religiões vivem, levamos o “tabu sexual” às ruas e às salas e salões religiosos, com vista em saúde e liberdade para todos. Alimentados da utopia da civilização do amor, saímos desse seminário com ousadia e segurança de construirmos uma expressão forte na Zona Leste de São Paulo: Jovens que atuam na promoção da vida. O caminho é longo, mas carregamos agora esse sonho.



Participantes em atividade no seminário.



Fotos: Divulgação

Diversidade religiosa no curso “Agentes de Promoção da Vida”

Aconteceu no sábado, 21/9, o primeiro módulo do curso “Agentes de Promoção da Vida” em São Paulo. O local escolhido para realizar a formação foi o Centro Franciscano de Luta contra Aids (CEFRAN), local, aliás, que faz parte da região selecionada pelos organizadores, pois seu público específico apresenta os desafios que a capacitação pretende discutir. Como continuação do seminário “Fortalecendo laços entre jovens, religião e sexualidade”, o objetivo do curso é oferecer conteúdo em Direitos Humanos e prevenção a HIV/AIDS aos jovens de diferentes tradições de fé, uma vez que certas comunidades possuem dificuldades em trabalhar tais temas.

O primeiro módulo contou com a participação do sociólogo e Doutor em Saúde Pública Ideraldo Beltrame, que trouxe uma palestra sobre sexualidade e novos modelos de família na qual o público interagiu levantando questões e contribuindo com experiências. Uma característica marcante no primeiro dia de oficina, foi a diversidade religiosa presente no CEFRAN. Católicos, protestantes, espíritas, candomblecistas e umbandistas compartilharam harmoniosamente do mesmo aprendizado naquela tarde de sábado. Ideraldo soube muito bem como compartilhar seu conhecimento de maneira respeitosa a todas as tradições de fé. O público presente também aprovou

a maneira inter-religiosa com a qual Ideraldo conduziu suas falas. O católico Lucas de Francesco afirmou: “O que estamos fazendo nesse curso, nada mais é do que uma atitude evangélica: é o próprio evangelho na prática; é o amor, é o diálogo, é o diferente sendo acolhido”.

Para o espírita Franklin Félix, da organização FICA, o que mais impressionou não foi o curso em si, mas os frutos que ele propôs: “participar de um encontro como este me enche de esperança, mas muito melhor é poder notar que, assim como eu, muitas pessoas continuam lutando por uma sociedade mais justa, feliz e inclusiva”. Ele ainda completou que “elucidar e esclarecer ainda são as chaves para dias melhores”.



“Agentes de Promoção da Vida” foi realizado por KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço e Programa Estadual em DST Aids do Estado de SP – Centro de Referência e Treinamento em DST Aids do Estado de São Paulo, com o apoio de Programa Municipal em DST Aids – Secretaria Municipal da Saúde de São Paulo, Rede Ecumênica da Juventude (REJU), Serviço Franciscano de Solidariedade (SEFRAS) e Projeto Esperança de São Miguel Paulista (PROJESP).



Programa Saúde e Direitos na 5ª edição da ONG Brasil

O Programa Saúde e Direitos de KOINONIA levou a campanha pública “O amor lança fora todo medo” para a 5ª edição da ONG Brasil, a maior feira intersetorial da América Latina que aconteceu nos dias 28, 29 e 30 de novembro, em São Paulo – SP. A feira reuniu mais de 500 organizações sociais e atraiu dezenas de interessados nas últimas tendências que movimentam o terceiro setor. Além dos stands das organizações sociais, o evento também promoveu um congresso

que contou com palestras e oficinas de projetos sociais, comunicação social e gestão do setor. Não só de organizações sociais e militantes se fez o público da ONG Brasil, os curiosos também chamaram a atenção na feira e, principalmente, no estande de KOINONIA. Pessoas de diferentes credos e interesses participaram da ação de “O amor lança fora todo medo” vestindo a camisa da Campanha e assinando sua carta de princípio. Os voluntários que ajudaram no estan-

de de KOINONIA merecem destaque pelo compromisso de transmitir o lema da campanha – de religiosas e religiosos contra todas as formas de intolerância – e pela energia de manter a disposição nos três dias de feira.



**ONG
Brasil
2013**

28 - 30 | Novembro

Expo Center Norte | São Paulo - SP



Fotos: Divulgação



Ação “100 amigos(as) pelo fim da violência contra as mulheres”

Durante os 16 dias de ativismo pelo fim da violência contra as mulheres, a campanha “O amor lança fora todo medo” estará divulgando impressões de mulheres e homens sobre essa temática, além de ideias e compromissos que mudem comportamentos que geram violência.



Foto: Divulgação

“Somos discípulos do Nazareno Crucificado e Ressuscitado. Ele se posicionou contra a violência impetrada às mulheres quando, no encontro com a adúltera que, pela lei, deveria ser apedrejada, disse claramente: “quem de vocês estiver sem

pecado atire a primeira pedra” (Jo 8, 7). Somos contra a pena de morte e, mais ainda, contra toda a morte enquanto produto do mais forte sobre a mais fraca que gera pena, repúdio, revolta e indignação. Abominamos o machismo criminoso, cínico e impune.

“O amor lança fora todo o medo” porque denuncia os “esquadrões da morte”.

“O amor lança fora todo o medo” porque promove a cultura do encontro entre diferentes, diversos e plurais.

“O amor lança fora todo o medo” porque é capaz de ressuscitar a carne fragilizada, os afetos reduzidos aos instintos tresloucados e, a alma violentada.

“O amor lança fora todo o medo” porque se articula em projeto de promoção da vida e de toda a vida.

No entanto, porque “o amor lança fora todo o medo”, ele também se crucifica, para em seguida ressuscitar! Aqui, canta a canção: “é preciso estar atento e forte, não temos tempo de temer a morte...”

Pelo fim da escandalosa e covarde violência contra as mulheres impetrada sob todo e qualquer pretexto sexual, racial, étnico, religioso, cultural, social ou legal.”

Pe. Paulo Sérgio Bezerra é pároco de Nossa Senhora do Carmo, em Itaquerá, Diocese de São Miguel Paulista, São Paulo – SP.



Foto: Divulgação

“A pior violência contra a mulher é a que a faz se sentir diminuída, menor, inferior, o que facilita ao agressor chegar à violência física e até à morte. É preciso educação, desde a infância, para meninos e meninas, ensinando que homens e mulheres são iguais em direitos, apesar de suas diferenças, para que, no futuro, a mulher não seja considerada objeto, nem o homem

acredite ter posse e poder sobre seu corpo, suas decisões, sua vida.”

Livia Lima é jornalista e membro da Pastoral da Juventude do Regional Sul 1.



Foto: Divulgação

“Eu tenho este sonho: que um dia eu não seja considerada mulher antes de ser considerada humana.”

Raissa Palamarczuk é formada em Letras e aspirante a atriz.

Para participar da Ação, responda com uma frase: “como você vê a violência praticada contra a mulher?”. Envie sua foto e comentário para saudedireitos@koinonia.org.br e se posicione contra a violência doméstica.



Foto: Divulgação

Um trabalho, um bilhete e uma relação

Paula Sousa

No ano de 2003, fui ao Rio de Janeiro para um seminário sobre o tema Aids e Religião em busca de conhecimento para o meu trabalho. Sozinha, não conhecia ninguém do evento, estava meio incomodada por não ter com quem conversar sobre os temas discutidos nas mesas. Como mãe menina da Umbanda, fiz uma pergunta para a mesa sobre a participação dos serviços de Atenção Básica nas casas de Umbanda, nesse momento, a Ester – coordenadora do Programa Saúde e Direitos – me passou um bilhete se apresentando e pedindo para conversarmos. Ali começamos um longo processo de parceria entre KOINONIA e o Programa estadual de DST/AIDS, além de uma grande amizade entre ela e eu. Ester, com quem tenho tantas afinidades! Ester que veio para somar conhecimentos e esforços no combate à epidemia e muitas outras questões que foram aparecendo no meio do caminho. Ganhei uma grande irmã de alma!

Depois daquele dia, KOINONIA foi convidada para entrar no GT – grupo de trabalho Aids e Religião – e Ester trouxe Anivaldo Padilha para conhecermos. Anivaldo chega com aquele olhar doce e manso, que escuta muito e fala de sua (vasta)

experiência aos poucos, talvez para podermos degustar e digerir tudo que ele nos ensina.

Ester e o Celso da ONG Grupo de Valorização do Trabalho em Rede, desde o primeiro dia contribuíram muito. Até hoje, quando nos reunimos os três, falamos sobre trabalho, vida pessoal, sobre outras pessoas e a vida. Nesses 11 anos, construímos muito falando desse jeito. Amadurecemos o trabalho, a nós mesmos e a nossa amizade.

O GT Religiões, criado pelo programa estadual DST Aids de São Paulo em 2002, ganha a partir dessas pessoas um novo fôlego e organiza em 2004 o “II Seminário Sexualidade e Espiritualidade Frente a Saúde”. É neste momento que KOINONIA e GVTR partilham seus conhecimentos em relação ao tema AIDS e Igrejas; um trabalho realizado com religiosos e profissionais de Saúde dos Programas Municipais de DST/AIDS do Estado, trazendo experiências de oficinas já realizadas e a posição sobre o tema de organismos como Conselho Nacional de Igrejas Cristãs e do Conselho Latino Americano de Igrejas.

Guardo muitas emoções desse seminário! Na abertura, quando cada pessoa se apresentou e contou sua tradição religiosa, minha chefe, na

época, Naila Janilde Seabra Santos, chorou de emoção ao ver a diversidade religiosa ali reunida pacificamente em busca do bem comum. Naquele lugar, estava a semente do que seriam os próximos anos.

A partir deste seminário, o GT Religiões torna-se referência técnica para esse tipo de trabalho e passa a auxiliar municípios a organizarem suas ações. KOINONIA passa a fazer parte na discussão de elaboração de estratégias e na realização das oficinas e seminários municipais e regionais em conjunto com o Programa Estadual de DST/AIDS ou apenas com os municípios. Hoje com 11 anos de atividade, o GT Religiões esbanja experiência, sensibiliza novos parceiros e reconhece o quanto KOINONIA contribuiu para a realização de uma utopia: ver várias tradições e denominações religiosas se abraçando e comungando a fé da esperança.

Paula Sousa é psicóloga, formada pela PUC SP. Trabalha na Gerência de Prevenção do Programa Estadual de DST/AIDS - SP na Prevenção e é diretora do Núcleo de Atenção Básica que trabalha com a descentralização das ações de prevenção de DST/AIDS para a Rede de Atenção Básica.

Boletim produzido pelo **Programa Saúde e Direitos de KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço**. Esta publicação divulga informações sobre saúde reprodutiva, educação sexual e direitos para diversas comunidades, em especial comunidades religiosas.

Diretor Executivo de KOINONIA: Rafael Soares de Oliveira

Coordenadora do programa Saúde e Direitos e editora do boletim: Ester L. Lisboa

Redação: Clarisse Braga

Revisão: Manoela Vianna

Programação visual e edição: Raissa Palamarczuk



KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço | Rua Santo Amaro 129 Glória 22211-230 Rio de Janeiro RJ - Tel (21) 3042-6445 Fax (21) 3042-6398 | Rua Barão de Itapetininga, 120, sala 307 Centro 01042-000 São Paulo SP - Tel (11) 3667-9570 | www.koinonia.org.br | koinonia@koinonia.org.br | saudedireitos@koinonia.org.br